

## AUTENTICIDADE OU CONTRAFACÇÃO?

Por JOAQUIM FRONTEIRA

Entre os coleccionadores ou simples amadores de numismas luso-indianos chegou já a constituir um lugar-comum o dizer-se «que não há duas moedas iguais em absoluto da Índia Portuguesa», mormente quando se trate de *calains*. Ora, se quanto à *tutenaga* de facto assim sucede, tratando-se de moedas de ouro tal afirmação já não é muito de aceitar.

Mas se há moedas de ouro luso-indianas precisamente iguais, também existem algumas sem um único sócia conhecido. Autênticas, mas únicas? Únicas, mas contrafeitas? Contrafeitas, mas coevas das autênticas, ou de recente feitura?

A pequena moeda de que nos vamos ocupar dá lugar, sucessivamente, a estas perguntas.

*Anverso*—Escudo das armas de Portugal, com sete castelos e cinco(?) quinas, sendo duas nitidamente maiores. Seis pontos, dispostos em dois triângulos, sobre o escudo, em arremedo de coroa, entre os quais uma pequena cruz simples. O todo inscrito em um círculo.

(Note-se a concavidade do cantão sinistro da ponta do escudo, que recorda a assimetria, neste mesmo quartel, dos escudos do reverso das peças, meias peças, escudos e meios escudos de D. José I. Coincidência fortuita ou intencional? Qualquer das hipóteses é aceitável tratando-se de uma cunhagem indígena. O artista, desprovido de grandes recursos, procurou reproduzir no cunho o escudo de uma daquelas peças metropolitanas e não encontrou solução diferente de amolgar o escudo naquela região; ou então quis fazer um vulgar escudo simétrico e não o conseguiu).

*Reverso* — Cruz equilátera, rematada nas extremidades dos braços por quatro elipses. No primeiro quadrante — I; no segundo — X; no quarto — 17; e no terceiro — 69. Estes dois algarismos estão dispostos em sentido vertical, como é frequente representar-se, horizontalmente, o signo zodiacal de cancer.

*Metal* — ouro; *peso* — 0,4 g; *módulo* — 8 a 9 mm; *valor* — 1 xerafim.

Temos presente, portanto, um xerafim de ouro de D. José I.

As moedas de um xerafim, de ouro, são bastante raras. A seguir apresentamos uma sinopse dos exemplares referenciados ou descritos em catálogos impressos de diversas colecções.

## MOEDAS DE OURO DE

Reinado	Teixeira de Aragão (1880)	Gerson da Cunha (1880-1883)	Carmo Nazareth (1896)	Manoel de Campos (1901)
D. Filipe III (1621 a 1640)	s/d 300 rs. (desconhecidas ?)	s/d 300 rs.		
D. Pedro II (1684 a 1706)				
D. João V (1706 a 1750)			1721 — 0,57 17(?) — 0,45 1728 — 0,50	1718 — 0,57 1721 — 0,56
D. José I (1750 a 1777)			s/d — 0,30	s/d — 0,41
D. Maria I (1787 a 1807)	1794 a 1807**			
D. João regente (1807 a 1818/9)	1807 a 1816**			
D. João VI (1819 a 1826)	1819 - 0,37			

\* — Citadas por Manoel Joaquim de Campos na «Numismática Indo-Portuguesa».

\*\* — Cunhagens várias, sem outra indicação.

NOTA — Além dos exemplares acima mencionados, outros de um xerafim se encontram em catálogos de leilões ou de colecções particulares; uns com datas ilegíveis, outros sem indicação de peso, outros, possivelmente, serão refe-

UM XERAFIM (GOA)

Campos e J. Lamas (1936)	Araújo Ramos (1909)	Jules Meili (1910)	Henry Grogan (1912)	Henry Grogan (1914)	Museu do Porto (1924)	Ant.º Aug.º de Carvalho Monteiro (1926)	Colecção Eduard M. van der Niepoort
			1678(?)—0,68				
	1721 — ?	1705*—0,57 1711*—0,47 1715*— ? 1716*—0,60 1718 —0,60 1721 —0,50	1715— ? 1716— ? 1718 —0,57 1721— ?	1715—0,58 1716—0,57 1718—0,57 1721—0,47	171(?)—0,48	1721—0,50	1711—0,57
s/d — 0,30 s/d — 0,25			1766—0,40				
			1819 a 1825**				

rências feitas ao mesmo exemplar já citado anteriormente, pelo que a sua inclusão neste quadro não teria interesse.

Como se vê, foi no reinado áureo do «Magnânimo» que se cunhou maior número de moedas de ouro de 1 xerafim. No de D. José I, apenas Grogan menciona uma cunhagem, datada de 1766, do xerafim de ouro. E mais nenhuma moeda de 1 xerafim datado encontramos em outras colecções.

Tão-pouco se lê em Teixeira de Aragão, Gerson da Cunha, Manoel de Campos, Henry Grogan ou outros a indicação de haver sido autorizada alguma cunhagem em 1769, o que não é impeditivo de que se haja realizado, ou ensaiado a sua realização, da mesma forma que cunhagens houve autorizadas e que não chegaram a efectuar-se.

Recorde-se que aquele ano de 1769 foi de grande actividade monetária em Goa, durante o extenso reinado de D. José I, pois que então ali se cunharam, durante o segundo ano do governo de D. João José de Mello, as bonitas séries de XII, VI, IV e II bazarucos, com e sem cruz; as moedas de 15, 12 e 10 réis; os S. Tomés de 12 e 4 xerafins e, acaso, esta pequenina moeda de 1 xerafim, cujo peso é, precisamente, igual ao do xerafim de 1766. É curioso que nem uma só moeda de prata parece ter sido cunhada neste ano.

Voltando ao exame do xerafim de 1769 vemos que o escudo difere, na realidade, dos apresentados nas moedas do mesmo valor do Séc. XVIII. Nem é o das moedas de 1 xerafim, datadas, de D. João V (1705, 1711, 1715, 1716, 1718, 1721 e 1728); nem o da de 1766 de D. José I; nem o das outras conhecidas, não datadas, deste reinado.

Quanto ao reverso, a cruz difere de todas as cruces dos S. Tomés (cruz de S. Tomé, de S. Lázaro ou trevada), embora em alguns exemplares o trifólio esteja quase reduzido a dois lobos, dos quais é possível fazer derivar as elipses que rematam os extremos dos braços do xerafim de 1769.

É curioso notar que, ultimamente, têm aparecido moedas da Índia Portuguesa, de ouro, consideradas como raríssimas, quando não únicas. Que nos recorde, podemos citar o S. Tomé de 2 xerafins, de D. José, de 1775, e os 12 xerafins, de D. Afonso VI, datados de 1664, apresentados a leilão, respectivamente, em Outubro e Novembro de 1954. Sobre a autenticidade de ambas se levantaram dúvidas, tendo o Sr. Dr. Aurélio Ricardo Belo publicado um interessante artigo intitulado: *O simbolismo religioso no sistema monetário português da Índia*, no qual se declara francamente a seu favor.

Pela nossa parte, e no que se refere ao xerafim de ouro de 1769, se não encontramos argumentos que nos permitam garantir que se trata de uma moeda batida no reinado do «Reformador», tão-pouco podemos afiançar que se trata de uma contrafacção. Preferimos, na prudente expectativa, aguardar o aparecimento de mais algum exemplar igual, o que talvez nos consinta então tomar posição definida sobre o assunto.